

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE**Juncker e a invasão dos piratas**

Juncker vai supervisionar investigação que incide sobre negócios em que ele próprio insistiu que deveriam permanecer ocultos, quando era primeiro-ministro do Luxemburgo

**João Pedro Martins**

O luxemburguês Jean-Claude Juncker, um dos gurus da pirataria fiscal, é o sucessor de Durão Barroso. O novo dono da cadeira da presidência da Comissão Europeia não é apenas uma má opção política para dirigir os destinos da Europa, é o pior que nos poderia acontecer.

Esta negra realidade é uma certeza de que a Europa vai continuar a seguir o caminho da austeridade para os pobres e da prosperidade para as elites corruptas que não gostam de pagar impostos e escondem o dinheiro em paraísos fiscais.

Uma investigação realizada pelo jornal britânico "The Guardian" e pelo programa Panorama da BBC, mostra que Juncker passou a vida a transformar a sua terra natal num dos maiores paraísos fiscais do planeta, contribuindo para uma sociedade mais desigual. Juncker vai estar à frente da Comissão Europeia ao mesmo tempo que está envolvido numa acção legal contra o regime fiscal que criou no Luxemburgo. Juncker vai supervisionar uma investigação que incide sobre negócios em que ele próprio insistiu que deveriam permanecer ocultos, quando era primeiro-ministro do Luxemburgo.

Esta estirpe de políticos não é confiável. Em 1516, Sir Thomas More escreveu: "Em todo o lado tenho a sensação de que existe uma conspiração de homens ricos que procuram o benefício pessoal." Ainda estávamos longe da existência do Clube de Bilderberg e dos encontros secretos da alta finança, mas as palavras proféticas de Thomas More cumpriram-se integralmente.

Juncker foi primeiro-ministro do Luxemburgo entre 1995 e 2013 e transformou um grão-ducado arcaico num dos principais paraísos fiscais, onde as fundações e as holdings intermédias proliferaram como cogumelos

escondidos numa floresta para fugir aos impostos e ocultar os donos do dinheiro. Foi neste território offshore, que beneficia de livre circulação de capitais dentro da União Europeia, que o esquema Ponzi desenhado por Bernie Madoff encontrou a opacidade e a segurança que empurraram milhares de investidores para a miséria.

Juncker e a sua tralha de correligionários são verdadeiros piratas e terroristas fiscais. A única diferença em relação aos piratas do passado que usavam espadas e canhões é que os junckers escolhem os contabilistas, os maiores escritórios de advogados e as empresas-fantasma para saquearem a sociedade.

Juncker é como o BES, mostra os trunfos para atrair os pequenos investidores e joga com cartas viciadas debaixo da mesa para beneficiar os amigos ricos. Ele sabe que em Portugal tem muitos admiradores, desde Alberto João Jardim a Cavaco Silva, e seguidores fiéis, como o aprendiz Pedro Passos Coelho.

Mas o plural de Juncker não se pode confundir com Junckers. Ao contrá-

rio da marca de esquentadores alemã que durante anos aqueceu a água que chegava às nossas casas, os junckers portugueses não são de confiança porque não aquecem o país. São glaciares que congelam a economia.

Os junckers não são reformadores, nem estadistas. O seu objectivo é sequestrar a economia e transformar os países periféricos da União Europeia em paraísos fiscais para que os ricos e as multinacionais não paguem impostos, obrigando a mão de obra barata a sujeitar-se às regras ditadas pelos países do Norte da Europa.

O junckers não vieram para salvar a Europa, nem restaurar o sonho europeu da democracia plural, da igualdade de oportunidades e da solidariedade. Eles são mercenários que vieram apenas para ganhar dinheiro, nem que para isso seja necessário roubar e matar.

Escreve à sexta-feira

**Juncker foi primeiro-ministro do Luxemburgo entre 1995 e 2013****SESSÕES CONTINUAS****LAURO ANTÓNIO***Uma crónica inútil*

Há temas sobre os quais não vale a pena escrever. É chover no molhado. No entanto, a consciência de cada um obriga a não calar. A insistir. É escrever para o boneco. São palavras inúteis. Mas pode calar-se alguém perante a barbaridade de um avião comercial ser abatido com 300 seres humanos no interior, e assobiar-se para o lado? Pode alguém ficar calado perante a tragédia que se estende entre Israel e a Palestina, com acusações de parte a parte e milhares de vítimas inocentes a caírem que nem tordos numa massacrante guerra que parece não ter fim? Que pensar deste mundo e das possibilidades das palavras, e das instâncias internacionais, quando há uma ou duas semanas atrás o Papa convida Israel e a Palestina a dialogarem no Vaticano e pouco depois se assiste ao que se vê diariamente nos telejornais?

A loucura parece ter invadido o planeta. Mas quantas vezes se já disse isto em todos os idiomas conhecidos?

Claro que por cá nada é diferente, ainda que o massacre seja lento e discriminado. Agora percebemos a justeza das palavras de Passos Coelho, quando dizia que "vivemos acima das nossas possibilidades". Percebe-se que alguns assim o faziam. O caso BES ilustra bem o que o governo e a tróica queriam dizer. Mas então por que somos nós, cidadãos comuns, crianças, jovens, classe média, velhos e reformados que pagam a conta de alguns poderosos delapidarem capitais "acima das suas possibilidades"? Porque será que a Europa e o FMI andaram a espiolar minuciosamente as "espectaculares" reformas da terceira idade da classe média e os salários da função pública e deixaram passar em claro a actividade pouco escrupulosa de banqueiros e financeiros? Porque será que um desgraçado não tem dinheiro para pagar a mensalidade da casa e lha retiram, e aos bancos o Estado vai capitalizando derrocadas, umas causadas por incompetência outras por avarice criminosa?

Crónica inútil? Eu sei. Chover no molhado? Óbvio. Mas não se pode estar calado.

Escreve à sexta-feira